

TRIBUNA Livre

2
MARÇO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Cinzas e Quaresma

Com palavras claras e sérias, a Igreja assinala na frente de cada homem ao iniciar a Santa Quaresma, a sua origem e fim, para que liberto dos laços terrenos, não esqueça o seu destino sobrenatural e eterno.

Lembra-te que és pó... Terrível paradoxo para o mundanismo contemporâneo que inebriado nos prazeres materiais, procura olvidar a ideia, que a própria natureza inculca a todo o caminhar da vida. Morrem os dias e as flores, passam os meses e os anos. Os sinos que dobram a finados em sons plangentes, os funerais que silenciosamente passam pelas ruas, os necrológicos, a imprensa que noticia acontecimentos lúgubres e trágicos, as pessoas que morrem, tudo isso, tudo isso...

Aos C. T. T.

Tendo chegado até à nossa redacção vários pedidos de esclarecimento para o atraso que vem tendo o correio dirigido ao comércio local e público em geral da área das freguesias de Ferreiros, Prozel, Caires, Besteiros e ainda da Feira-Nova, tomamos a liberdade de pedir providências aos Ex.mos Senhores Correio-Mór e Chefe dos Correios do Minho.

Pedimos ao mesmo tempo, providências que são devidas ao correio da freguesia de Lago, com distribuição do mesmo ao domicílio, o que foi prometido, estudado no local e que parece só falta o sim para esse problema ficar resolvido. Agora que se vai dificultar o serviço devido à modificação que vão ter as carreiras da V.A.M. entre Feira Nova e Entre-Pontes, certamente será o momento de satisfazer as aspirações da população de Lago e de ter um carteiro que poderá até ter a saída do nosso correio da Feira-Nova, resolvendo por fim tão delicado problema e que por tanto tempo se vem arastando sem ser resolvido como é devido.

Esperamos que as autoridades acima citadas encarem estes problemas que expomos com a devida atenção e os resolvam urgentemente para assim não acarretar a borrecimentos e prejuízos. — A.M.A.

corda a caducidade dos bens terrenos, o seu sentido efêmero e nos desperta a alma para o supremo ideal, que é a consecução dos bens espirituais, únicos duradouros e perenais. A Igreja ao impôr pela mão do sacerdote, a cinza sobre a cabeça de cada fiel, lembra-lhe a origem e destino comum: — És pó e em pó te hás-de tornar... Esquece o teu nome e apelidos; a nobreza da linhagem e os títulos honoríficos; a fama e a influência e lembra-te que és pó da terra, como qualquer outro mortal... Podia Deus, ao criar o homem, formá-lo de ouro, prata ou qualquer outro metal precioso. Não quis. Formou-o do mesmo pó que pisa, porque ele há-de ser. É podridão moral, é pecado!... Cuida menos do teu corpo; atende mais à tua alma, porque só ela sobrevive ao sono da sepultura. É esta a grande e salutar lição, que a Santa Igreja dá aos fieis, no princípio de cada Quaresma.

A Santa quarentena, período de quarenta dias de jejum, como preparação da Páscoa, foi oficialmente instituída no concílio de Niceia, ano 325. A sua origem remonta, no entanto, aos tempos apostólicos e não foram poucas as muta-

ções sofridas através dos séculos, até à disciplina que actualmente regula este tempo de penitência.

Dêsde o século 5º, estabeleceu a Igreja a prática da penitência pública, durante a quaresma. Iniciada, 4ª-feira de cinzas, terminava 5ª-feira santa, chamado o dia de reconciliação dos penitentes. Diariamente, vestidos de saco e de cilício e arrastando grossas ca-

(Continua na 6.ª página)

A Europa periférica dos sete, que por sinal são oito,

vai responder aos seis da Europa do Mercado Comum

«Não posso, evidentemente, estar satisfeito com quaisquer resultados, enquanto estes não trouxerem o entendimento geral entre os europeus no plano económico, mas em todo o caso congratulo-me francamente com os resultados da

reunião que acaba de findar, não tanto pelas decisões tomadas como pela vontade, por todos afirmada, de as vermos concretizadas na próxima reunião, que será, como sabe, em Lisboa» — declarou-nos o ministro de Estado dr. Correia de Oliveira, ao concluir-se a conferência ministerial da Associação Europeia de Comércio Livre ou EFTA, a que presidiu aquela manhã de Oliveira, em comentário ao comunicado da conferência, que acabava de ser distribuído aos jornalistas:

— «O grande objectivo da delegação portuguesa foi levar os seus parceiros da EFTA a considerarem que o abaixamento de direitos aduaneiros tem de ser considerado num

(Continua na 5.ª página)

Descentralizar sem desunir

Tratando-se da Lei Orgânica do Ultramar a proposta enviada agora à Assembleia Nacional que bem poderia dizer-se que, na realidade, é de uma nova lei orgânica que se trata, fossem outros o critério e o propósito do legislador, fossem os de preferir a um trabalho cauteloso, discreto e metódico de revisão os efeitos fáceis e espectaculares. Acontecerá, porém, a comentadores menos atentos ou mais apressados que talvez não se apercebam logo do verdadeiro alcance do que na Lei Orgâ-

se insere. Esses prefeririam, decerto, uma terminologia mais arrogada — e na redacção da proposta menos a meticolosa prudência do jurista que uma linguagem porventura mais acessível à compreensão até dos mais desprevenidos.

Tudo tem as suas vantagens — e as suas desvantagens.

(Continua na 4.ª página)

O PROBLEMA DO TRÂNSITO

A civilização cria por vezes problemas apavorantes que o homem deve contudo procurar resolver. Ora resolver um problema não é como certas pessoas supõem decerto bem intencionadas, ignorá-lo nas suas mais difíceis complicações.

A estatística coloca-nos sem dúvida em presença de realidades aterradoras. Sabemos, por exemplo, por ela, que milhões de pessoas morrem desta ou daquela doença, desgraça que seria em grande parte ignorada se a

civilização não nos tivesse facilitado e desenvolvido o hábito de registo dos acontecimentos que nos rodeiam. É claro que essas mesmas pessoas morreriam dos mesmos males, ainda que nós o não soubéssemos. Ignorávamos simplesmente a natureza e a extensão do fenómeno e não podíamos, por tanto, equacioná-lo. A estatística é pois um bem, embora nos revele muitos males. Sendo assim, e como a sociedade tende a evoluir constantemente, pelo menos na razão directa em que se adquire mais experiência, mais cultura, mais bem estar generalizado, resulta que os problemas complicam-se constantemente e, embora aparentemente solucionados, têm tendência a ressurgir, na inexorável dilatação que o progresso impõe a todas as actividades criadoras.

É deste modo que o problema do trânsito, que já no tempo dos gregos devia ter tido as suas complicações,

(Continua na 5.ª página)

Jornalistas norte-americanos

EM ANGOLA

Com mais ou menos assiduidade, Angola tem sido visitada por dezenas e dezenas de jornalistas estrangeiros, nestes últimos tempos — sobretudo desde que, em princípios de 1961, se espalhou rapidamente em certos meios jornalísticos estrangeiros (é bom não esquecer esta circunstância...) a notícia de que estava para eclodir nesta Província um vasto surto terrorista.

Como jornalistas, não podemos estranhar este súbito e inesperado interesse da grande Imprensa internacional por este recanto da terra portuguesa, antes quase completamente ignorado, como o são todas as terras onde apenas se trabalha e vive em paz — duas coisas de que positivamente se não alimenta o noticiário internacional.

Não podemos, portanto, estranhar esta desusada afluência de jornalistas das mais diversas nacionalidades e dos mais diversos matizes, nem tão pouco as interpretações que cada um deles tem dado aos acontecimentos.

(Continua na 4.ª página)

Eça de Queiroz e o Perú

Pois se não se importam muito, venho hoje falar-lhes do Perú. E para que não visionem já imagens de sedução gastronómica especificarei: da República do Perú, situada, como sabem, na costa ocidental da América do Sul.

Em rigor, não sei se lhes falarei da República do Perú,

se de Eça de Queiroz, se dos polinésios, ou se do guano. O assunto caiu-me nas mãos com um volume de Eduardo Prado, que eu procuro há anos, e só agora me apareceu, pela segunda vez na vida, e por empréstimo de um amigo. O li-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA PECUÁRIA

PRODUTIVIDADE ANIMAL

A produtividade dos animais resulta de dois factores: o primeiro é a própria potencialidade de produção, isto é, a capacidade funcional recebida por via hereditária dos seus progenitores, e o segundo compreende tudo o que se convencionou chamar «meio ambiente», ou seja o clima, o alojamento, o regime de alimentação, os cuidados higiénicos e a própria forma de utilização. Isto para não alongar a infundável lista de facto-

res cuja acção é variável com as pessoas e os lugares.

Enquanto do primeiro factor depende a possibilidade — note-se que apenas a possibilidade — de se alcançar certa produção, o segundo (o meio ambiente) condiciona quantitativa e qualitativamente a realização efectiva do aludido poder potencial. Por outras palavras, se a uma vaca orgânicamente capaz de produzir 20 litros de leite (por razões de constituição hereditária)

forneçermos a alimentação tecnicamente indicada e a rodearmos de todas as outras condições de ambiente favoráveis, é possível, e «muito provável», que dela se obtenha a esperada produção diária de 20 litros de leite.

Se a mantivermos porém em regime alimentar deficitário, ou sob condições climáticas ou higiénicas deficientes, já a produção passará a ser tanto mais baixa quanto mais se afastar do «adequado» o regime a que o animal se encontre submetido.

E o que se disse para a vaca e para a produção de leite é igualmente válido para quaisquer

espécies. O que varia é apenas a importância relativa dos factores intervenientes. Admite-se hoje, por exemplo, que, para a produção de leite, a transmissão hereditária influi em 25 a 38% e o meio em 75 a 62%, ao passo que no caso dos porcos precoces o aumento médico diário de peso é influenciado em 14 a 43% pela constituição hereditária e em 86 a 57% pelo meio. Estes dados mostram bem a importância em que devem ser tidos tais factores.

Quer isto dizer, portanto, que a influência do meio ambiente é de tal modo decisiva que chega a comandar o resultado obtido em 86%, deixando para o património hereditário — aquilo a que vulgarmente se chama raça — só 14%.

Sem bons alojamentos (bons não significa luxuosos ou dispendiosos, mas sim adequados), sem racional regime alimentar (qualidade e quantidade), sem boa higiene e boa técnica de ordenha não há possibilidade de obter boas produções, por muito bons que sejam os animais.

O que convém ter sempre bem presente, como verdade inofismável é que em todas as espécies e raças, o melhoramento, ou seja a adaptação especializada no animal a uma dada produção, traz consigo a exigência irrecusável de um melhoramento paralelo do ambiente, neste caso representado sobretudo pela técnica de exploração. Tais melhoramentos são economicamente aconselháveis: são rentáveis, como se tem demonstrado em todo o Mundo.



APONTE...

E NÃO ESQUEÇA

Logo que cheguem aos 10-15 dias de idade os leitões devem dispôr de terra para fossar.

A luz é indispensável aos leitões, mas devem recebê-la à sombra e não ao sol.

O leitões só devem mamar duas a quatro horas após o nascimento.

A amamentação dos coelhos deve durar de seis a oito semanas, altura em que os láparos devem ser separados das mães.

Nos alojamentos dos coelhos deve reinar sempre a maior limpeza.

A mamite ou inflamação do úbere é uma das mais graves doenças dos bovinos leiteiros.

Além da baixa produção de leite, os animais atacados têm em geral do ser substituídos.

A lavagem e desinfecção dos tetos e das mãos do ordenhador, bem como a prática de uma ordenha não traumatizante, constituem as mais importantes medidas preventivas contra o aparecimento da mamite.

Alimente e instale racionalmente as suas galinhas. Estas, quando bem alimentadas e dispendo de instalações adequadas são mais resistentes às doenças e, portanto, mais lucrativas.

A vasculha é uma das mais graves doenças que ataca os ovinos. Vacine as suas ovelhas

no último mês da gestação, e os borregos 10 a 15 dias após o nascimento.

Não misture, nos seus rebanhos, ovinos brancos com pretos; a descendência deve ser «puro-branco» ou «puro-pretos», pois cada um dos tipos carece de cuidados particulares, relacionados com o cor do pelo.

Os cães dos pastores são responsáveis por graves doenças dos ovinos, dando origem a enormes perdas em carne e leite e lã.

Defenda-se, e defenda a economia nacional, desparasitando, de três em três meses, os cães dos seus rebanhos.



Riqueza Pecuária DO

Distrito de Braga

Equinos	2.493
Muare	405
Asininos	657
Bovinos	113.659
Ovinos	93.574
Caprinos	26.766
Suínos	71.800
Galináceos	749.936
Coelhos	134.994

DOENÇA DE NEWCASTLE

Embora sejam múltiplas as doenças que atacam os galináceos, é, sem dúvida, a Pseudo-Peste, também chamada Doença de Newcastle, aquela que maior mortalidade causa nos efectivos avícolas nacionais.

Pode dizer-se que não há aldeia, vila e cidade, onde não se tenha ouvido, em dado momento, a exclamação «morreram-me repentinamente todas as galinhas», a qual traduz, em geral, o resultado do aparecimento da Pseudo-Peste.

Causada por um *virus*, ataca patos e perús, mas é sobretudo, nos galináceos, que atinge maior gravidade.

Não escolhe idade, nem lugar, nem tempo. Quer dizer, ataca pintos, frangos, e aves adultas, de norte a sul do país, e em qualquer época do ano.

Aparece repentinamente num bando, começando as aves por apresentar variados sintomas, entre os quais se destacam os seguintes: dificuldades respiratórias (estendem o pescoço e abrem o bico), paralisia, diarreia amarelo-esverdeada. Em geral começam a morrer ao 2º dia após o aparecimento da doença, po-

dendo esta dizimar todo o bando.

Aparece e transmite-se através de variados meios, tais como mosquitos, ratos, utensílios que estiveram em contacto com animais infectados pela doença (cestos, sacas de rações, etc.) mas, o mais frequente, é a *introdução* no bando de aves já doentes, compradas no exterior (mercados, vizinhança, etc.).

Não tem tratamento, pelo que o único meio de a combater é a *vacinação preventiva*.

Eliminar os ratos, evitar tanto quanto possível a entrada no aviário de pessoas estranhas, sacos, cestos e outros utensílios provenientes de outras explorações avícolas, não introduzir aves sem prévia quarentena ou reconhecidamente sãs, e, finalmente, vacinar oportunamente, eis as principais medidas preventivas que nenhum avicultor deve esquecer.

Ter sempre presente que, em matéria sanitária, vale mais prevenir do que curar e, neste caso, com mais razões, visto que a doença não tem tratamento.

TRIBUNA do CONCELHO

ENCONTRO EM AMARES

Integrado no grande movimento nacional «Os novos escolhem Deus» realiza-se no dia três do corrente pelas duas horas da tarde, o encontro concelhio para os jovens dos dois sexos entre os 14 e 30 anos. A concentração será na **Feira Nova** e no Salão da Caixa Agrícola, gentilmente cedido para esse fim pela Ex^{ma} Direcção.

Neste, e no próximo número transcrevemos a conferência de Imprensa acerca do «Grande Encontro da Juventude» realizada em Lisboa na passada semana.

Realizou-se, na 3.^a feira, em Lisboa, uma conferência da Imprensa acerca do «Grande Encontro da Juventude».

Estiveram presentes o Secretário Nacional da Acção Católica, Mons. Sezinando Rosa, os presidentes Nacionais da Juventude Católica e os Presidentes da Comissão Executiva do «Grande Encontro da Juventude».

A abrir a Sessão, o Dr. João Salgueiro, presidente Nacional da J. C. referiu-se à razão do convite aos órgãos de informação reconhecendo o papel insubstituível dos grandes meios de comunicação junto da opinião pública.

No uso da palavra, este mais alto dirigente dos Organismos Juvenis, disse que falar do Encontro da Juventude seria falar de um movimento de jovens que se expande hoje por todo o país. Movimento que há já mais de dois anos vem ganhando corpo mas que só agora atinge a dimensão suficiente para se tornar sensível na comunidade nacional. Nasceu da certeza de que os jovens católicos têm um papel próprio a desempenhar que não tem sido preenchido adequadamente.

A Juventude, de todos os

países, em todas as épocas, traduz em elevado grau as inquietações da humanidade, dando voz às suas mais fundas interrogações, à impaciência de construir e de aperfeiçoar, revelando em si mesma os anseios de novos mundos, de novas ideias, de vida mais plena. Mesmo quando as gerações adultas se ajustam às estruturas e valores adquiridos a juventude é sempre — ou não mais seria juventude — um fermento de renovação, a garantir que as sociedades hão de continuar na sua busca hesitante mas persistente de um mais justo e mais fraterno, e um mundo em que a natureza sirva melhor o homem e o homem se possa realizar em todas as suas dimensões.

Os organismos Juvenis Católicos convidam todos os jovens a aderir ao «Grande Encontro da Juventude».

Mais adiante, o Snr. Dr. João Salgueiro disse ainda:

Mas nem sempre é fácil aos jovens descobrir o caminho ao qual hão-de dedicar a sua vida. A juventude não pode construir. Quando não deparam com missão que julguem digna das suas aspirações tendem a dissipar-se num relativismo de valores, numa rebeldia meramente destrutiva ou a recusar-se a tudo que não seja a satisfação das suas próprias inclinações de momento. Infelizmente, muitas sociedades não conseguem apresentar a os jovens um ideal que os apaixonem, uma missão a que se entreguem. Supomos que é essa, em larga medida, a situação em Portugal no nosso tempo, e nela radica uma das razões determinantes do nosso movimento.

HUMORISMO

Não foi minha a culpa

— Joaquim.

— Senhor.

— Eu não te disse que me arrumasses o meu escritório? Afinal deixaste-o fechado e o fumo não saiu.

— Se não saiu foi porque não quiz, eu deixei a chave na porta!

O médico operador dizia para o doente:

— Vá lá, decida-se. São apenas dez contos que lhe levarei pela operação. E, para lhe ser franco, o mais provável é que já nem seja o senhor a pagá-los.

Faleceu em Caldelas

o Snr. Alexandre de Oliveira

CALDELAS, 20 — Faleceu hoje, cerca das 23 horas, com 84 anos de idade, o Snr. Alexandre de Oliveira, proprietário industrial. O extinto, muito considerado e estimado em todo o concelho, exerceu vários cargos entre eles o de presidente da Câmara e vogal concelhio. Deixa viúva a Snra. D. Albina das Dóres Araújo de Oliveira, e era pai das Senhoras: Madre Aurora da Conceição Araújo Oliveira, Madre Lucinda de Araújo Oliveira, D. Alice das Dóres Araújo Oliveira, professora oficial, Adelina de Araújo de Oliveira e D. Maria de Lurdes Araújo de Oliveira e dos Senhores: Dr. Aníbal de Oliveira, advogado em Luanda (Angola) e Sr. José Asdrubal de Oliveira, industrial e vogal concelhio. Sogro dos senhores: António Abel da Silva Freitas, D. Maria Júlia Gonçalves Pereira de Oliveira e D. Maria Etelvina da Maia Gama de Oliveira e ainda irmão dos Senhores: Avelino de Oliveira, professor oficial aposentado e Alberto António de Oliveira, proprietário.

O funeral que se realizou no dia 27 pelas 10 horas teve grandioso acompanhamento incorporando-se além de muito povo, individualidades de destaque; Presidente e vereadores da Câmara Municipal, Paulo Barbosa de Macedo, presidente dos Bombeiros Voluntários, presidente do Grémio da Lavoura e funcionários das várias repartições públicas

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Passou o carnaval, ou festa da carne, e entramos na quaresma. Graças a Deus que o carnaval deste ano foi mais calmo. As bombas e as cornetas raro se fizeram ouvir. Merecem parabéns as pessoas que intervieram para que o ruído já ensurdecedor das motorizadas não fôsse aumentado estupidamente nestes dias.

Quarta feira de cinza

Foi muita gente assistir à bênção e imposição da cinza, bem como à procissão das ladaíñas e missa. É sempre tocante a liturgia de 4.^a feira da cinza. Lembra-nos o pó de que somos feitos e é o princípio de Jejum quaresmal. Jesus Cristo começou a vida pública fazendo antes quarenta dias de jejum no

deserto. Este jejum solene de preparação da festa da Páscoa, com que se pretende elevar-nos o pensamento às coisas espirituais, é a comemoração do jejum de Cristo antes do seu ministério público. Bom seria que todos os cristãos se compenetrassem do espírito santificador da Igreja Católica, estudando bem a sua doutrina e costumes.

Casa do Povo

Dizem que se pretende reunir as casas do Povo de Lago e Barreiros à de Rendufe. Ficariam assim unidas cinco freguesias. Sou no assunto verdadeiramente leigo. Por isso não poderei dizer-vos nada de importância. Contudo penso dever dizer-vos que sou leigo na matéria de casas do povo em razão de, sendo sócio contribuinte, não poder meter nariz na administração das mesmas. Este é um dos pontos em que, com a razão ou sem razão, não concordo com a mecânica das Casas do poder intervir, não me parece estar certo. Outro ponto que me não parece estar de harmonia com a razão é este: os lavradores caseiros serem forçosamente sócios contribuintes, equiparando-os assim com os proprietários. Este modo de proceder vem reforçar a convicção de que certas esferas sociais do nosso país desconhecem a vida dos camponeses.

Digo-vos isto simplesmente por amor da verdade e por julgar que não apenas os sócios efectivos, geralmente menos cultos, mas também os sócios contribuintes deviam ter assento nas assembleias das casas do povo e poder intervir na sua administração. Se assim fôsse, eu teria ido à reunião. Mas, porque não é assim, fiquei em casa. E muitos outros sócios, mesmo efectivos fizeram o mesmo.

Vosso, J. Moreira

SURPRÊSA

Ele estava de pé, junto á pirâmide,
Olhando para além da *auto-via*...
Já descambava o sol para o poente
Por entre nuvens duma tarde fria.

A mão em concha, á laia de viseira,
Ele intentava ver se distinguia
Lá no fim, por acaso ou sorte rara,
Alguém da sua grande simpatia.

— Boa tarde — uma voz diz por trás dele,
— Boa tarde — respondeu surpreendido;
Pois não tinha sentido nenhuns passos
De tal forma ele estava distraído!

Ao voltar-se, dois vultos donairosos,
Espantado, já só p'las costas viu...
Mas um só foi que deu a — boa tarde —
O outro... não tugiú e nem mugiu!...

Emudecido... ali ficou a ver
Já duas sombras deslizar além,
Té que as perdeu de vista, lá na curva...
Era tarde de frio... e de desdém!...

UERBA



FUNDADA EM 1835

**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO'**

**SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança
AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

Eça de Queiroz e o Perú

Continuação da 1.ª página

vro chama-se: «A ilusão americana».

Eduardo Prado era um brasileiro, muito culto, muito educado e muito rico, amigo íntimo e companheiro de Eça de Queiroz. Diz-se que o grande escritor aproveitou alguns elementos da sua personalidade e da sua vida para criar algo de Fradique Mendes e, também, de Jacinto, o Príncipe da Grã-Ventura de «A Cidade e as Serras».

A obra que deixou não foi vasta — entre ela alguns artigos na *Revista de Portugal* do Eça, mais tarde reunidos em volume. Mas é, toda, obra de um homem superiormente requintado e lúcido.

No livro a que chamou «A ilusão americana», Eduardo Prado procurou pôr de sobreaviso os seus compatriotas relativamente aos perigos do entusiasmo por certas democracias jovens, que não eram e creio ainda não são bem aquilo que dizem. Mas não é isso que importa agora. Eu pretendia apenas falar-lhes num facto contado nesse livro, onde passa, num gesto humanitário de defesa de infelizes, a figura do autor de «Os Maias». E a propósito disso é que vem o Perú. Ou melhor: a questão começa com o guano do Perú.

Contra Eduardo Prado comens descobriam, no litoral da República do Perú, uma espessa camada de matéria alcalina a fosfatada, com excelentes qualidades para revigorar os campos exaustos por culturas seculares. Essa matéria, constituída inicialmente pelas dejeções, durante milhares de anos, dos pelicanos do mar, das gaivotas das praias, e das aves dos rochedos, foi uma riqueza enorme para o país, e o Governo, para tirar maior proveito, declarou o guano propriedade nacional e regulamentou a sua extracção por meio de concessões a particulares, em regra a empresas americanas.

Mas, com a exploração intensa, o guano foi diminuindo. A extracção do que ficou tornou-se difícil. Exigia mão-de-obra mais barata...

Não! Não vou contar-lhe o resto. Quem vai contá-lo é o próprio Eduardo Prado. É dele a descrição que segue:

«O Governo do Peru lançou mão do trabalho dos chins, reduzidos nas guaneiras a verdadeiros galês e na realidade escravizados nas estâncias e nas fazendas de açúcar. Esse tráfico de escravos amarelos era feito por umas casas americanas, e quase sempre sob a bandeira estrelada que protegia a escuridão asiática, já no Perú, já em Cuba. O porto de saída desses desgraçados era Macau. O Governo português começou a impressionar-se com o escândalo, e o relatório que Eça de Queiroz, consul de Portugal da Havana, apresentou ao Governo, demonstrando as monstruosidades cometidas

contra os chins, apressou talvez o fechamento do porto de Macau à emigração chinesa. Houve americanos estabelecidos no Perú e ligados aos agricultores peruanos, que se enfureceram com a supressão do tráfico amarelo, e foi então que se organizou uma das mais hediondas empresas de pirataria de que há notícia. Foi armado um grande navio, que saiu mar em fora, e demandou o pequeno grupo de ilhas perdido no Oceano Pacífico e conhecido pelo nome de Ilhas da Páscoa, e que hoje foi anexado pelo Chile.

«Essas ilhas, célebres pelos estranhos monumentos graníticos que lá deixou uma raça desaparecida, pelos grupos colossais de pedra esculpida, plantados nas encostas das montanhas por uma civilização ignota, eram povoadas de polinésios, raça suave e inofensiva, de uma inocência paradisíaca, que o contágio exterminador do homem civilizado ainda não vitimara. Os filibusteiros desembarcaram na ilha, mataram as crianças, os velhos e quase todas as mulheres, e acorrentaram e algemaram os homens válidos que, atirados ao porão do navio foram trazidos para o Perú como escravos. Quando a notícia deste horrível atentado ecoou na Europa, o Governo inglês moveu-se e

terra em Lima que informasse sobre o assunto. Verificada a exactidão da notícia, o Governo inglês exigiu inexoravelmente que os infelizes escravizados lhe fossem entregues pelos cidadãos republicanos da América.

«Recolhidos a bordo de um navio de guerra inglês, os desgraçados que tinham escapado à ferocidade americana, foram restituídos às suas ilhas, devendo sua salvação ao espírito cristão da Inglaterra...» O facto, contado pelas próprias palavras de Eduardo Prado, é este. Talvez perguntem agora porque nos lembramos do caso.

Porque nos lembramos do caso? Pois é muito simples: primeiro, porque o livro nos caiu nas mãos; segundo, porque é de justiça lembrar um passo da vida de Eça de Queiroz, em que o escritor, então consul na ilha de Cuba, defendeu os pobres chineses da desumanidade dos ricos exploradores; terceiro, porque é de justiça recordar a solidariedade que lhe deu, conforme a tradição do Reino, o Governo obscurantista do Senhor D. Luís I; e quarto... Pois deve haver uma quarta razão (há, com certeza) mas essa fica para ser explicada noutra ocasião. — ANI

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Descentralizar sem desunir

Continuação da 1.ª página

Caminhou-se, não há dúvida, na direcção desejada pelas populações ultramarinas. Avançou-se de acordo com as aspirações expressas por essas mesmas populações. Têm agora, por exemplo, maior latitude de acção os Governadores e mais poderes. Deixam de receber do Ministro do Ultramar instruções para a execução dos orçamentos das despesas. Passam a poder autorizar transferências de verbas e aberturas de crédito, o que até agora era da exclusiva competência do Ministro. Por sua vez, o Conselho Legislativo passa a definir os princípios orientadores do orçamento de cada província, orçamento que ao Governador competirá, depois, organizar e executar, mas de acordo com as bases votadas pelo Conselho.

Aos Governadores é também atribuída a competência de contraírem empréstimos, tendo como única limitação que não podem contraí-los sem estarem para isso previamente autorizados pelos respectivos Conselhos Legislativos.

Ora nada disso fora sugerido no parecer do Conselho Ultramarino, documento que reflectia, por sua vez, os votos e as aspirações dos povos do Ultramar português, expostos ao Conselho, de viva voz, pelos seus directos representantes. Foi-se assim, claramente, para além do que se pedia. E numa

situação anormal criada em duas províncias ultramarinas pelos terroristas torna particularmente difícil tudo quanto seja descentralizar.

Também a anormalidade provocada pela actuação dos terroristas não distraiu o legislador da necessidade, que é impetativo, de se apressar o desenvolvimento económico das províncias ultramarinas portuguesas e de se promover esse desenvolvimento não apenas através de vastos planos de conjunto, mas em cada província estreitamente de acordo com as suas conveniências especiais, para o que se cria, em cada uma delas, uma «Comissão Técnica de Planeamento e Integração Económica». A mesma comissão estudará, sempre de acordo com as conveniências locais, o processo de integração da respectiva economia no grande conjunto económico português, pois que a descentralização administrativa — por mais atrevida que seja e por mais longe que vá — não exclui nem poderia excluir, sem irremediável traição aos princípios norteadores da política portuguesa, a integração política, económica e social. Ouseja: a afirmação categórica de uma unidade nacional, para além ou por sobre a dispersão geográfica, a pluralidade étnica, os níveis diferentes de civilização, as situações de riqueza ou de pobreza, as condições de maior ou de menor autonomia, as aspirações que variam de província para província, a maior ou menor intervenção do elemento europeu na vida provincial.

EM CANIÇADA

O automóvel da esperança

Quando no dia 19 do corrente um automóvel desconhecido na localidade, estacionou junto da placa de «Caniçada», apeando-se ali os seus ocupantes e perguntando por entidades (nomeadamente) da freguesia, não foi difícil adivinhar o problema que os trouxera.

«A promessa tão velhinha do novo Edifício Escolar»

Não foi para este humilde povo, a vinda destes ilustres magistrados da Nação à sua freguesia, uma visita qualquer para o comprovar bastou verificar o regosijo de todos quantos dela tiveram conhecimento nessa tarde cinzenta de Fevereiro! Era

o assunto basíliar do dia permita Deus que esta felicidade predure e que não sejamos mais uma vez enganados, como tantas outras já fomos: estamos convencidos no entanto que desta vez não seremos; eles vieram e viram, termos com nós essa certeza, é termos a certeza do novo edifício por isso mesmo, não nos resta dúvida que depois do automóvel da esperança, receberemos em muito breve na nossa freguesia, a caravana da certeza; Aos ilustres magistrados da Nação aqui fica um sincero muito Obrigado, do Povo de Caniçada. — José Silva

Jornalistas norte-americanos em Angola

(Continuação da 1.ª página)

tecimentos ou factos observados, mesmo quando só de factos e acontecimentos objectivos se trata.

Cada um desses profissionais obedece a uma linha de orientação ditada pelos seus respectivos jornais ou órgãos de informação; e tem, além disso, a sua própria concepção pessoal dos problemas que se debatem em África. E, contritivamente, os comentários foram e são inspirados por conceitos fundamentais preconcebidos.

Agora, como largamente se noticiou, Angola foi visitada por uns quarenta proprietários, editores e directores de outros tantos órgãos da Imprensa norte-americana, os quais percorreram diversos centros da Província, contactando com as diversas classes da população, observando realizações de vários ordens, desde os empreendimentos oficiais ou particulares de fomento e exploração de riquezas até estabelecimentos de ensino e centros de convivência, sem esquecer a rua, o grande mostruário espontâneo dos povos, que não pode ser falseado nem iludido pelos propósitos de propaganda.

Não vamos, evidentemente, antecipar juízos sobre as reacções desses jornalistas. Por agora, os jornais de Angola arquivaram as suas declarações, colhidas aqui e ali, no decurso de visitas, reuniões ou simples conversas. De qualquer modo, constituirão um elemento útil para confrontar com tudo quanto posteriormente vier a público.

Há, contudo, e desde já, um

É, afinal, esta unidade nacional a que a proposta de lei consagra, na medida em que, demonstrando que o Governo soube ouvir, ao mesmo tempo demonstra que o Estado não se afasta das linhas mestras daquela política de unidade, contra a qual sopram em vão os «ventos da História». — A.

apontamento a fixar. Tal como a todos os outros jornalistas estrangeiros que a esta Província se têm deslocado em missão profissional, também a estes foram dadas todas as facilidades para o uso de comunicações rápidas, incluindo a expedição de telegramas-press para os respectivos órgãos de informação. Pois, segundo apuramos, nenhum dos quarenta jornalistas norte-americanos fez uso de tais facilidades.

Falta de tempo? Impossibilidade de resumir, em algumas centenas de palavras, impressões certamente diferentes daquelas que traziam já este riolipadas e prontas a expedir com um simples ar de presença e actualidade? Qualquer destas explicações ou ambas podem ser admitidas. Mas não podemos deixar de pôr tal facto em confronto com a prolífica actividade de tantos outros que anteriormente têm visitado e que, mal pões o pé em Luanda, se apressam a expedir milhares e milhares de palavras, em reportagens mais ou menos sensacionais, mas quase sempre já antecipadamente preparadas ou pelo menos imaginadas.

De qualquer modo, este apontamento — oportuno e verídico — não destrói a nossa esperança de que estes quarenta jornalistas norte-americanos, se bem que menos prolíficos e apressados do que tantos outros que nos têm visitado, venham mais cedo ou mais tarde a público com as suas impressões e comentários honestos e verdadeiros sobre tudo quanto viram e ouviram.

Pode até dizer-se que estes ramos não perder pela demora — pois na realidade a substituição de ideias preconcebidas ou premeditadas conceitos por conclusões lúcidas e justas em face das realidades leva seu tempo e exige certo esforço de raciocínio.

Aguardemos, pois, o resultado prático desta visita de mais uma caravana jornalística a Angola. — ANI

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

mais uma vez o que era e não era lícito fazer nos domingos e dias santificados.

Cedendo a novas exigências da vida moderna e tãgida por novos conceitos da demagogia, ia-se verificando uma quebra daquele respeito antigo pelo que havia de sagrado e santo, como salutar nos costumes e no cumprimento dos deveres religiosos. A Igreja, sempre governada por cabeças sisudas e atentas aos rumores da história; sempre a prevenir contra as evoluções e tendências sociais que se encaminham pelo rumo das ambições desregradadas e dão no caos e na confusão do desentendimento das sociedades que se devoram, muitas vezes nas lutas e nas guerras fratricidas, foi a partir desta época que os livros desta natureza se encheram de registos de pastorais de recomendações e profecias quanto a males maiores que se avisinhavam, e não houve, mesmo assim, remédios que os evitassem, senão a dolorosa experiência dos povos que os viveram e ainda das gerações futuras que estão sofrendo as suas consequências.

Estas instruções corriam todas as terras pelo chamado «roteiro» com recomendação grave de serem lidas aos fregueses nas missas conventuais.

* * *

A 10 de Julho de 1800, verifica-se nova visita a esta freguesia e assim se vai notando a sua periodicidade e frequência.

O mesmo cônego João Cabral Soares de Albergaria, na presença do mesmo abade Baltazar Borges Pereira, clero e a maior parte dos fregueses, procedeu aos actos comuns da visita.

Houve por bem aliviar os oficiais da igreja na pena em que tinham incorrido, de não terem dado inteira satisfação a todas as obras capituladas nas visitas passadas e novamente lembradas na anterior, por terem andado com a obra da torre, que estava concluída, mas com a condição de satisfazerem no espaço de um ano, à excepção dos telhados que seriam reparados dentro de três meses, debaixo das penas cominadas na visita de 1791, que pagariam na futura visita.

Que fora informado de que os oficiais da confraria de N. S.ª do Pilar e os devotos de S.º António faziam empréstimos para fora da freguesia dos «trastes» pertencentes à mesma confraria e devoção, pelo que vinham a danificar-se gravemente. Por isso mandava que todo e qualquer oficial ou devoto, que daí por diante emprestasse algum deles, fosse condenado em 500rs. por cada vez que o fizesse, aplicados para a mesma confraria e devoção, e que o pároco faria logo pagar, com pena de se lhe dar em culpa.

Igualmente informado de que uma água, que passava vizinha ao adro: se rompia para dentro dele em bastante abundância, embarçando a passagem das procissões e produzindo demasiada humidade na sacristia e capela-mór com grave prejuízo de tudo que ali se conservava. Mandava que os interessados na dita água fossem obrigados a encanar o rego, de modo que nenhuma entrasse para o adro, o que fariam antes que chegasse o inverno.

Que os juizes do Subsino, que para o futuro servissem, seriam obrigados a mandar limpar das ervas o adro uma vez em cada ano, por lhe constar que só se fazia quando vinha o Visitador, e pelo mais tempo estava indecentíssimo. Que o mordomo da igreja mandasse ou barnessse a mesma todos os meses, limpando-a de teias de aranha e mais imundicies, de sorte que parecesse casa de Deus.

* * *

Nova visita aos nove dias de Julho de 1806. O mesmo visitador, cônego João Cabral Soares de Albergaria, fidalgo capelão de S. A. R. etc., agora na presença do abade José Alvares, clero e da maior parte de seus fregueses, e do padre José Joaquim Pereira, secretário desta visita, procederam em acto de visitação às cerimónias do costume:

Que eram passados 12 anos sem que os fregueses dessem satisfação às obras da reforma dos telhados e outras determinadas nas visitas de 1794, 1797 e 1800, portanto julgava incursos nas penas cominadas ao juiz e mais oficiais do Subsino na última visita, a de 1800, que pagariam na presente, e o pároco procederá contra eles com as penas do mandado, que ficava em seu poder.

Novamente determinava ao actual Juiz do Subsino, e mais oficiais, que dentro de três meses dessem inteira satisfação às mesmas obras, visto serem de primeira necessidade, sob pena de pagarem de suas bolsas tres mil

(Continua no próximo número)

Notícias do Gerês

Falecimentos

Faleceu nesta localidade o Snr. Manuel Pereira Guimarães, de 69 anos, guarda florestal aposentado, que infelizmente poucos meses gosou a reforma.

Prestou sempre serviço na Administração Florestal do Gerês, ocupando várias casas de guarda. O extinto era muito bondoso e estimado, pelo que o seu funeral foi muito concorrido.

O seu cadáver foi levado aos ombros por um grupo de guardas florestais acompanhados pelo mestre florestal.

Também faleceu no lugar da Assureira o Snr. José Alves do Monte, de 79 anos.

Doente

Tem estado doente o nosso Amigo Snr. António da Silva Baltazar, a quem desejamos o seu rápido restabelecimento.

O tempo

Tem se feito sentir uma invernia constante de chuva, neve e granizo.

Já há muito tempo que os altos da Serra do Gerês estão cobertos por espesso lençol branco. O frio tem atrasado os trabalhos e impedido os pobres trabalhadores de ganharem o pão de cada dia.

O problema do trânsito

(Continuação da 1.ª página)

mesmo com a singeleza da roda, se complicou muito mais com o aparecimento da carroça e se transformou em tragédia quotidiana quando o automóvel surgiu na história do mundo.

Eis um dos tais problemas que se vão resolvendo paulatinamente, segundo as circunstâncias actuaes, mas cuja equação nunca termina, visto que estas se modificam sem cessar, cada vez mais complicadas e vastas, o que, de resto, se compreende perfeitamente, pois uma máquina é tanto mais complicada quanto maior e ordenada é a sua capacidade de acção.

É claro que a estrada que servia para a carroça não pode de modo nenhum servir para o automóvel. São processos de circulação diferentes, cada qual com as suas exigências. Acresce ainda, até, que a própria cultura, estado de espírito e maneiras de ser dos condutores de veículos mudaram completamente. A época do carroeiro já morreu! — matou-a o automóvel. Ora, para que o automóvel possa cumprir o seu objectivo, correspondendo, assim, ao que dele logicamente se pode esperar é preciso que tenha a sua estrada própria e que a circulação nesta obedeça às regras

A Europa periférica dos sete, que por sinal são oito

(Continuação da 1.ª página)

contexto mais vasto de medidas de política económica que conduzam a um reforço geral das relações entre os Sete e a um desenvolvimento equilibrado da economia de cada um deles. Esse é, aliás, o sentido do mandato que atribuímos ao Conselho dos Representantes Permanentes.»

Ao Conselho dos Representantes Permanentes compete agora traduzir em propostas concretas as decisões do Conselho de Ministros da EFTA e transformar num instrumento de acção eficaz o plano trazido a Genebra pelos ingleses e aprovado nas suas linhas gerais pelos outros Estados membros da Associação. Mas, para levar a cabo todo esse trabalho, não tem o Conselho de Representantes Permanentes mais do que o máximo de umas dez semanas, pois que a conferência de Lisboa, que terá de aprovar as propostas dos representantes permanentes, deverá efectuar-se já em fins de Abril ou mais provavelmente em princípios de Maio.

E, sem a menor dúvida, intenção dos ingleses dar à EFTA uma consistência e um dinamismo que até agora lhe têm faltado e criar na chamada Europa periférica, através do desarmamento aduaneiro, um autêntico mercado livre, que será um rival sério para o Mercado Comum, até porventura se fundir com este.

Também não há dúvida de que nessa iniciativa podem os ingleses contar até certo ponto com apoio, da parte dos outros dois países mais industrializados da EFTA — a Suécia e a Suíça.

Aos países menos industrializados da associação é que o desarmamento aduaneiro em datas que se anteciparão às previstas no tratado de Estocolmo (segundo o qual só em 1 de Janeiro de 1970 deixariam de ser aplicados às importações, dentro da zona, quaisquer direitos de alfandega, com excepção do caso de Portugal, autorizado pelo tratado e aplicá-los até 1 de Janeiro de 1980) não deixaria de trazer dificuldades, se essa medida não fosse acompanhada e atenuada por outras, destinadas, evidentemente, a contrabalançá-la.

Será, nomeadamente, acordado (em termos e alcance ainda por definir) um trata-

e aos princípios que os técnicos e as autoridades competentes consideram indispensáveis, isto é: é preciso que o Código da Estrada seja uma lei feita por nós pelos nossos técnicos, evidentemente — e para o nosso tempo.

mento de algum modo preferencial, da parte dos membros da EFTA mais industrializados, para os produtos agrícolas dos menos industrializados (Dinamarca: «bacon», lacticínios e ovos; Portugal: vinhos, principalmente) e também para os produtos da pesca (Noruega).

Outras medidas incluem, necessariamente, acordos de assistência técnica e de cooperação económica para o desenvolvimento dos menos industrializados, bem como investimentos de capitais, facilidades para a movimentação dos mesmos dentro da área da associação e mesmo transferências de indústrias.

São ainda de prever, naturalmente, acordos relativos à movimentação da mão de obra. Na Suíça, por exemplo, já hoje é de vinte e cinco a percentagem de estrangeiros (italianos e espanhóis, sobretudo) na mão de obra industrial. Os portugueses são também numerosos, particularmente na indústria da hotelaria, mas, por enquanto, à margem de qualquer acordo ou

A Europa periférica ou Europa dos Sete — os quais, por sinal, são oito, pois que, através da sua união aduaneira com a Suíça também o Principado do Liechtenstein participa das vantagens e benefícios proporcionados pela EFTA — não será, porém, verdadeiramente, um mercado livre só por força das decisões que se tomaram agora em Genebra e das que vierem a tomar-se em Lisboa: a instituição de um autêntico mercado livre depende de muitos factores e designadamente da conjugação perfeita dos interesses de cada um com os interesses dos outros não apenas em um determinado momento ou em face de uma determinada conjuntura, mas em toda a extensão de um largo período de tempo.

Assim, no entanto, parecem entendê-lo os países mais industrializados da EFTA — e unicamente através desse entendimento é que será possível fazer da Associação Europeia de Comércio Livre um instrumento susceptível de preocupar a Comunidade Económica Europeia e de a levar a consentir em novas negociações. Negociações estas onde só entrem na devida conta as considerações de ordem económica e de nenhum modo as de ordem política. — ANI

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Tribuna Desportiva

A matança dos inocentes

A sugestão inicial de se defrontarem, no âmbito dos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros, as equipas representativas de futebol de juniores dos dois países transformou-se num verdadeiro «caso». Não que haja quem se mostre contra a sugestão: pelo contrário, todos a consideram, dos dois lados do Atlântico, digna de estudo e aplicação. Mas há as boas intenções...

Ora foi por boa intenção que alguns críticos brasileiros, saudando a sugestão no aspecto das relações entre os dois países, quiseram pôr de sobreaviso os portugueses: vissem bem que os juniores brasileiros (juvenis se chamam lá) são realmente jogadores «quase feitos», capazes de alinharem em equipas profissionais de primeira linha.

E recordaram que o futebol brasileiro, a avaliar por dois campeonatos mundiais ganhos sucessivamente, está em nível que se pode considerar, exactamente, o melhor do mundo. Até que ponto seria leal, portanto, opor a esses verdadeiros portugueses? Valeria a pena pensar melhor no caso...

A reacção dos círculos desportivos portugueses foi grande. E continua. Porque a equipa de juniores do futebol está a ser, há três épocas, a coqueluche dos portugueses — um pouco como foi, em tempos, a turma nacional de hóquei em patins ou, mais recentemente, o Benfica, Campeão da Europa.

O motivo é simples: em três épocas, os juniores do futebol conseguiram boa posição no Campeonato da Europa, com um título de campeão e dois terceiros lugares. E como, para mais, os bons conselhos da crítica brasileira vieram cair em plena euforia provocada por uma vitória em Lisboa (4-2) contra a França e outra vitória em Atenas (2-0) contra a Grécia, os comentários são muitos e de variado tom — mas todos coincidindo em um ponto: se os «onzes» dos jovens de Portugal e do Brasil se defrontarem, pois não haverá,

certamente, nova «matança dos inocentes»...

Um dos cronistas portugueses limita-se a recordar os resultados que as equipas dos «graudos» de Portugal e do Brasil têm obtido, nos encontros dos últimos anos, para chegar a esta conclusão: em cinco jogos, dos quais quatro disputados no Brasil, de 1956 até 1962, os campeões mundiais ganharam quatro pela diferença mínima de um golo e outro por 3-0. Ora essas quatro vitórias por um golo, conseguidas três delas no Brasil, não chegam para se falar de desnível tão grande de valores que dê aso a receios pela sorte dos «garotos»...

Outro vai mais longe. Analisa o próprio comportamento dos «garotos» nos torneios internacionais que têm disputado e chega a esta conclusão: de 1954 até à data, os juniores portugueses disputaram vinte e dois jogos, ganhando dez, empatando sete e perdendo cinco; marcaram 39 golos e sofreram 27; portanto, o saldo é amplamente positivo.

Outro, ainda, recorda que não há vencedores certos de jogos que ainda não se realizaram. E lembra, a propósito, que também a equipa dos «graudos» do Brasil teve uma surpresa, em 1950, ao ser batida na «final» do Campeonato Mundial por uma turma do do Uruguai...

De todo este «caso», porém, parece ressaltar o interesse com que, tanto no Brasil como em Portugal, se está a encarar a possível inclusão do futebol, por intermédio dos juniores, nos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros. E, se há dois anos, em Portugal, as provas despertaram interesse e fizeram afluir espectadores às diferentes modalidades, é de esperar que, desta vez, no Brasil, o futebol venha a constituir um saboroso prato.

...Mais que não seja, para se verificar se, ao fim e ao cabo, há ou não a «matança dos inocentes» idos de Portugal para defrontarem os «quase já campeões do mundo»... — A.

FUTEBOL

Domingo, dia 3, às 15 horas

No Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu

Leões da Modelar,

CONTRA

FAFE F. C.



O Benfica venceu o Porto

E MARCHA PARA O TÍTULO NACIONAL

novο recorde de bilheteira (900 contos)
primeira vitória do Benfica no Porto
em dez anos de encontros

Nítido favorito do encontro em que recebia o Benfica, o Futebol Clube do Porto acabou vencido, por 2-1, no encontro mais sensacional da jornada — talvez o mais sensacional do torneio, já que Benfica e Porto partilhavam o comando da classificação, na primeira divisão do campeonato nacional.

Para tudo ser sensacional, até a forma como a vitória foi conseguida tem feito correr rios de tinta: com as equipas empatadas a um golo (obtido o do Benfica aos 11 minutos, preparado por Eusébio e rematado por Simões, e alcançado o do Porto aos 29, num remate do brasileiro Azumir) o árbitro assinalou grande penalidade, aos 22 minutos da segunda parte, castigando falta sobre o avançado-centro do Benfica, Torres, cometida dentro da grande área. Marcou Eusébio, com finta de corpo e «tiro» a meia altura.

Dois o fundamento dessa grande penalidade é contestado pelos portugueses — e alguns jornais apresentaram sequências fotográficas, demonstrando que dois defesas portugueses já tinham ultra-

passado Torres quando este se estatelou.

Outro encontro que despertou emoção foi o Sporting—Guimarães. Os minhotos vieram a Lisboa e ao intervalo venciam por 2-0. Depois do intervalo, apertando a marcação aos elementos mais importantes do ataque adversário, conseguiu a equipa do Sporting acentuar o domínio que já anteriormente disfrutava e marcar quatro golos.

Nos outros desafios da jornada os resultados foram:

Olhanense-Cuf, 2-2; Académica-Vitória de Setúbal, 2-1; Belenenses-Atlético, 1-0; Lusitano-Leixões, 1-2; Barreirense-Feirense, 0-0.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	30
Porto,	28
Sporting,	27
Leixões,	20
Lusitano,	19
Belenenses,	19
Guimarães,	16
Académica,	15
Setúbal,	14
Olhanense,	13
CUF,	12

Barreirense, 12
Atlético, 8
Feirense, 5

Na segunda divisão, Zon Norte, os resultados foram os seguintes:

Boavista-Académico de V. seu, 2-0; Varzim-Vianense, 7-0; Braga-Covilhã, 2-0; Sanjoanense-Oliveirense, 0-0; Leça-Marinhense, 1-1; Castelo Branco-Salgueiros, 1-1; Beira Mar-Espinho, 2-0.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	27
Beira Mar,	25
Oliveirense,	24
Braga,	23
Covilhã,	22
Leça,	18
Marinhense,	16
Espinho,	15
Vianense,	13
Castelo Branco,	12
Sanjoanense,	12
Académica de Viseu,	11
Boavista,	11
Salgueiros,	9

Zona Sul:
Oriental-Montijo, 0-2; Peniche-Farense, 2-2; Torreense-Seixal, 3-4; Sacavenense-Alhanda 2-1; Luso-Silves 3-2; Portalegrense-Cova da Piedade, 1-1; Portimonense-Lusitano de Vila Real, 3-1.

Zona Sul:	Pontos
Seixal,	25
Alhanda,	24
Cova da Piedade,	21
Torreense,	19
Portimonense,	19
Farense,	18
Sacavenense,	18
Luso,	18
Montijo,	17
Lusitano de Vila Real,	15
Oriental,	15
Peniche,	13
Portalegrense,	12
Silves,	4

A favor da associação de imprensa madrilena, o Benfica vai defrontar o Atlético de Madrid em futebol

Está a despertar grande interesse o encontro de futebol que se anuncia, possivelmente para Março, nesta cidade entre o Atlético de Madrid e o Benfica, em benefício da Associação da Imprensa Madrilena.

Este encontro Atlético de Madrid-Benfica terá segunda edição, em Lisboa, numa data ainda por fixar.

A. F.

CINZAS E QUARESMA

(Continuação na 1.ª página)

deias, prostravam-se às portas das Igrejas e dos conventos. Eram admitidos ao princípio da missa e despedidos ao ofertório. Hoje, como outrora, também a quaresma tem aspecto de reconciliação e purificação e aí de quem não segue o conselho de S. Paulo: «Este é o tempo aceitável... são dias de salvação».

Também, durante a quaresma, se preparavam os catecúmenos que haviam de receber o baptismo na noite de Páscoa, pelo jejum e oração, com instrução religiosa adequada e ritos especiais.

Por determinação do código de direito canónico, deve ser intensificada a pregação e instrução religiosa. Infelizmente, porém, não há maior frequência aos actos religiosos, porque os cristãos de vida espiritual, ligeira e fácil, preferem alongar o carnaval, fechando os ouvidos às santas admoestações da Igreja.

Antigamente, segundo referem escritos de autores consagrados, a quaresma era uma espécie de exercícios espirituais para a cristandade e o eixo de toda a disciplina católica. Fe-

chavam os tribunais; encerravam as casas de espetáculos e os grandes negócios eram adiados para época mais propícia.

E que, ninguém descurava a obrigação de renovar a vida espiritual pela penitência e instrução litúrgica, acumulando energias espirituais para ressuscitar com Cristo glorioso e triunfante. Hoje, que tantas práticas religiosas foram imoladas ao progresso e às actividades profanas, a Igreja não cessa de recomendar que a quaresma é tempo de salvação e que o discípulo de Cristo há-de viver segundo o Mestre, na cruz e na mortificação, em oposição ao cristianismo superficial dos fieis lânguidos e tibios, que procuram forjar uma religião «sui generis».

O pecado, é um efeito do prazer e ninguém se redime, a não ser pelo antídoto do mesmo prazer: — a dor, o sacrifício, a renúncia consciente e cristã, aos bens terrenos.

Acompanhar durante a quaresma o Cristo sofredor, imitando-o na penitência e oração, para expiar voluntariamente os seus pecados, há-de ser o propósito de cada cristão, no início deste santo tempo.